

Politica Industrial ou Agricola?

Dr. HEITOR A. TAVARES

Chefe do Serviço do Algodão em Sergipe

Aos paizes, vastos e novos difficil é traçar-lhes a physionomia economico-social e decidir definitivamente sobre qual deva ser a sua diretriz politica, si calcada nos moldes de nação industrial ou agricola.

De evolução em phase dynamica e polymorpha tanto poderá estar certo este como aquelle braço estructural.

Só o tempo, com suas espatulas traba'hando durante seculos, promovendo erosões e corrigindo sulcos profundos, poderá definir, assim mesmo no character transitorio dos seculos, a personalidade social dos povos.

Sem lhes poder precisar exactamente qual a funcção historica, aos Governos cabe resolver antecipadamente a incognita que lhes vae delineando no horizonte politico para que a evolução natural de suas tendencias encontre o auxilio de um ambiente propicio.

O Brasil se encontra presentemente nessa phase do polymorphismo physionomico.

Atravessa "o estado indefinido e incoherente da materia".

Fomentaremos a politica industrial?

Manteremos a agricola?

Esta ultima pertence a nossa indole historica e deriva tambem da condição de mantenedores que somos de vastas e fecundas reservas territoriaes

A primeira é noviça e mal se delinea em nodulos microscopicos adherentes ao corpo immenso daquella.

Devemos dar-lhes raizes? Ou apenas deixa-la em paz com esse symbiotismo experimental até que cheguemos a uma conclusão definitiva, e decidamos sobre a verdadeira escolha?

Essas duas tendencias se acham agora em cheque.

Um facto insolado, dentro de nossas mil actividades focalisa bem esse papel dos governos, na escolha da objectividade fuocional que melhor servirá á Nação.

Temos sido um paiz produtor e exportador de algodão em seu estado bruto.

Os Governos, Federal e Estadual, se têm empenhado fortemente na campanha em prol do alargamento dessa cultura e enormes sommas são dispendidas annualmente na manutenção de um orgão tecnico que a superintende e caminha para as boas normas de uma cultura economica.

Toda essa campanha é no sentido de estimular o lavrador a preferil-a, momentaneamente em S. Paulo onde o café perdeu a magia do ouro.

O Governo assim adopta e exerce francamente a politica agricola.

De subito, por um desequilibrio nas condições atmphe-ricas das zonas productoras, eis que se reflecte no campo da offerta e procura, e ahi tambem estabelece disparidades entre esses dois elementos reguladores do preço.

Ha mais procura que offerta, e o preço sobe rapidamente de 40\$000 para 60\$000.

Surprehendidos e assustados os industriaes se movimentam junto ao Governo, e começam a envolvê-lo num hypnotis-mo industrialista.

Convidam-no a franquear as portas all'andegarias á materia prima americana que, depreciada, fará uma concurrencia de morte ao algodão brasileiro.

E' uma medida facil e por ella estão anciosos os produtores americanos, porque sabem que desafogando se de uma parte dessa mercadoria, a medida exercerá, alem disso, o efeito moral desalentador sobre esse provavel concorrente futuro.

Não cremos que o Governo se deixe levar pelas labias industrialistas.

Mesmo porque, assim agindo, adopta a politica industrial.

Defrontará o dilema: politica agricola? politica industrial?

Saberá o Governo que nossa lavoura algodoeira só em face dos preços mais altos, nas proximidades de 60\$000, começa a deixar de ser deficitaria para defrontar em lucro relativamente compensador?

O custo de producção dos 15 ks. de algodão em rama no Brasil é, em sua maioria, superior a 40\$000.

Irá o Governo prejudicar essa rara oportunidade que se apresenta ao lavrador para usufruir um pequeno lucro, esse unico e mais eloquente argumento que aceita para se convencer da utilidade de plantar algodão ?

Não haverá incoherencia em seu duplo acto, de despende largas sommas em prol da lavoura e depois favorecer a sua a-phyxia pela concorrência de uma materia prima depreciada ? Vamos fazer o nosso proprio "dumping" ?

Eis ahi a nossa these.

Que politica seguir ? Politica industrial ou politica agricola ?

Teremos que escolher. Si industrial não nos queixemos amanhã por não termos materia prima que alimente o nosso parque industrial.

E o Brasil, triste heresia, passará de grande productora, de grande celleiro do mundo, a consumidor do algodão americano.

Para não prejudicar uma industria nascente, pequenina, occupando magra faixa littoranea, que se sacrifique a larga zona sertaneja ?

Essa é a politica industrial, peculiar aos paizes sem reservas territoriaes.

Si deixarmos o preço ao arbitrio natural da offerta e procura, então teremos seguido a politica agricola.

Estimularemos a lavoura, e esta, uma vez ampliada, abastecerá a industria nascente e ainda dará margem para exportar as sobras.

Escolha o Governo.

Politica industrial ou agricola ?

Aracajú 1/1/932.

H e i t o r A i r l i e T a v a r e s

SE quizermos viver, não simplesmente a nossa propria vida mas a vida altruistica de nossa raça, urge guiarmos nossos propositos não mais por equivoca comodidade de insidiosa ideologia sentimental, e sim pelo código admiravel da Eugenia.

CUNHA LOPES